

Símbolo e/ou representação: um mapeamento metapsicológico

*Ruggero Levy**, Porto Alegre

*Carmem Emilia Keidann***, Porto Alegre

*Jussara Schestatsky Dal Zot***, Porto Alegre

*Maria Clélia de Barros Menegat****, Porto Alegre

*Marli Donadussi Neuhaus***, Porto Alegre

*Miriam F. Barros de Santis*****, Porto Alegre

*Patrícia Fabrício Lago*****, Porto Alegre

Os autores discutem os conceitos de representação e simbolização inseridos em seus contextos metapsicológicos. Assim, exploram os modelos psicanalíticos freudiano, kleiniano e bioniano, respectivamente, buscando compreender a origem lógica desses conceitos, contrastá-los, ver seus desenvolvimentos e discutir as implicações teóricas, clínicas e técnicas. No âmbito freudiano, apoiam-se em Freud, Garcia-Roza, Laplanche e Pontalis, Green e Botella e Botella; no campo kleiniano utilizam Klein, Jones, Ferenczi, Susan Isaacs; e, finalmente, na esfera bioniana, Meltzer, Bion, Ogden e Ferro. Por fim, descrevem algumas de suas repercussões na clínica e técnica psicanalíticas.

Palavras-chave: pulsão, representação, representação de coisa, representação de palavra, intrapsíquico, símbolo, simbolização, relação de objeto, intersubjetivo.

* Psiquiatra, psicanalista didata e membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

** Psiquiatra, psicanalista e membro associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

*** Psicóloga e membro aspirante graduado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

**** Psiquiatra e membro aspirante da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

Introdução

Não se pode fazer uma reflexão sobre os conceitos de representação e de símbolo dissociando-os dos diversos modelos metapsicológicos de inconsciente existentes na teoria psicanalítica. O conceito de representação está ancorado na metapsicologia freudiana na qual há um vetor que parte do soma, passa pela pulsão, experiência de satisfação, memória, desejo, chegando à representação. Já o conceito de símbolo como elemento fundante e estruturante do psiquismo ganha corpo no modelo kleiniano, em que há uma ampliação metapsicológica, a dimensão geográfica, na qual a presença do outro e de seu espaço mental adquirem uma importância diferenciada. Os desenvolvimentos deste modelo com Bion e Meltzer irão conduzir à ideia que a presença do outro, com a sua mente, provoca uma experiência emocional. A mente do sujeito é impactada por protoemoções, por uma experiência no terreno das emoções e da sensorialidade que precisará ser transformada em registro simbólico. Esta experiência emocional e/ou sensorial implica numa noção mais ampla do que a pulsão, pois inclui o objeto e a relação com ele. E o ponto de virada a partir do qual os dois conceitos adquirem progressiva distinção será enunciado pelo seminal trabalho de Susan Isaacs, como evidenciaremos a seguir.

Observa-se, na literatura psicanalítica atual, que os conceitos de representação e simbolização mantêm uma distribuição geográfica e, por vezes, um caráter indiscriminado, o que sugere a manutenção destes termos com uma aura de imprecisão conceitual. Assim, entre os autores franceses, verifica-se o uso principalmente do conceito de representação, pouco utilizando o de símbolo. Já entre os ingleses, naturalmente, ocorre o oposto. Outros autores, como Levine (2012), utilizam de modo quase intercambiável os conceitos de representação e símbolo: “[...] o fortalecimento de representações psíquicas, símbolos e cadeias associativas significativas” (p. 210). Pereda (1998) chega a afirmar que o conceito de simbolização necessitaria de uma metapsicologia própria. Assim, interessamos fazer um mapeamento, uma espécie de arqueologia histórica dos conceitos, e compreender, na evolução do pensamento psicanalítico, o que teria levado a que uma corrente da psicanálise passasse a utilizar o conceito de símbolo e não mais o de representação e outras permanecessem utilizando predominantemente – como Freud fazia – o conceito de representação. Quais são os condicionantes metapsicológicos desta mudança? E quais as suas implicações teóricas e – eventualmente – técnicas?

Representação e a metapsicologia freudiana

Inicialmente, interessa-nos entender por que Freud, embora se referisse a relações simbólicas, relações substitutivas, não se referisse a símbolos quando tratava de descrever, por exemplo, os elementos oníricos pessoais, idiossincráticos, produzidos por um paciente. Segundo Laplanche e Pontalis (1967), Freud temia que a utilização pela psicanálise do termo símbolo para referir-se às formações inconscientes da mente poderia levar a que se o confundisse com as iniciativas leigas de compreensão dos sonhos e seus símbolos, como os *almanaques* de interpretação de sonhos. Em função disso, reservou o termo símbolo para aqueles elementos universais, presentes na cultura e de significado permanente e coletivo. Queremos clarear que não é que Freud tivesse banido do seu vocabulário o termo símbolo ou os seus derivados. Usava-o na qualidade de adjetivo ou de verbo, por exemplo, relações simbólicas, ato de simbolizar, mas não o utilizava na condição substantiva de designar os elementos do inconsciente que registram, inscrevem, a experiência psíquica.

O grande avanço teórico dado por Freud (1905) foi compreender que a sexualidade humana, a partir de seu *apoio* sobre as pulsões de autopreservação, adquire sua própria autonomia. Assim, zonas originalmente destinadas a satisfazer funções vitais adquirem uma erogeneidade e, a partir de então, buscarão suas próprias formas de prazer e de satisfação. Sobre a representação destas experiências primitivas de satisfação irá constituir-se o desejo sexual, que buscará incessantemente sua satisfação. O desejo, então, é essencialmente uma moção psíquica (Laplanche & Pontalis, 1967) que dará o sentido da busca objetual (Kristeva, 1993) e da fantasia inconsciente. A força dinâmica da pulsão, transformada em desejo, irá em busca do objeto original jamais reencontrado. Assim, articula-se o corporal e o psíquico.

Mas é sobre o recalque, ou seja, a partir da constituição de substitutivos simbólicos do objeto desejado e da possibilidade de adiamento da satisfação imediata, que se estruturará o inconsciente e o pré-consciente com sua extensa rede simbólica. Essa pressão constante, vinda do interior, em boas condições de simbolização, transformar-se-á constantemente, ampliando a mente infinitamente. Esta rede simbólica é nosso psiquismo e nossa vida psíquica.

Green (1990), contemporaneamente, esclarece que o sistema de representações mentais que constitui nosso psiquismo, nossa *vida psíquica*, é duplamente estimulado: do interior, pelas transmutações do desejo acima descritas; e do exterior, pela excitação que é provocada sobre o sistema pré-consciente/inconsciente. Entretanto, queremos destacar que, no modelo metapsicológico

freudiano, nas suas origens, o que coloca em marcha o processo de mentalização é a pulsão, transformada em desejo a partir da experiência de satisfação, inscrita no psiquismo através de marcas mnêmicas que orientam o sujeito na sua busca do objeto original de satisfação da necessidade. Inicialmente, então, o aparelho psíquico concebido por Freud (1895, 1900) baseia-se muito na atividade de percepção e de memória. Garcia-Roza (1991) aprofunda esta questão colocando em destaque os vários passos de inscrição da marca mnêmica. Ainda, segundo Garcia-Roza, para Freud, a memória ocupa um lugar central em sua construção teórica do aparelho psíquico. Esta seria a pré-condição para que se forme o aparelho psíquico, não haveria psíquico sem memória. Evidentemente, aqui se refere à memória inconsciente, das marcas mnêmicas das experiências e não à memória consciente na sua aceção coloquial. Isso nos leva a concluir que o termo representação, neste modelo, enquanto construção simbólica ajusta-se perfeitamente, pois se trata de uma *reapresentação* do objeto da pulsão. Estamos apenas aqui estudando de onde se origina o termo representação, que possui a dupla aceção de delegação e de reapresentação, como veremos. Com isso não queremos fazer uma simplificação conceitual, pois se sabe que estas representações, na medida em que ocorre todo o processo repressivo, os sucessivos deslocamentos e condensações e todas as retranscrições do desenvolvimento, estas representações, repito, vão ganhando complexidade e abstração crescentes, afastando-se enormemente do primeiro registro do objeto original de satisfação do desejo.

Segundo Green (1990), a estrutura psíquica é desdobrada como uma formação intermediária no diálogo entre o corpo e o mundo. Para o autor, a originalidade de Freud foi ter descrito dois sistemas: um sistema de excitação exterior, no qual a excitação pode ser suprimida, e outro, no qual a excitação é constante e só cessa quando obtida a satisfação da pulsão. Mas como ocorre esta passagem da pulsão à representação nesta formação intermediária do psíquico? Vamos encontrar o caminho inicial desta transformação na definição de Freud (1915a) de pulsão em *Os instintos e suas vicissitudes*:

Se agora nos dedicarmos a considerar a vida mental de um ponto de vista biológico, uma pulsão nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o psíquico e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam o psiquismo, como uma medida da exigência feita ao psíquico no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo (p. 142).

Assim, perguntamos, o que é o representante psíquico (*Psychische Repräsentanz*)? Green (1990, 2002a) insiste que o representante psíquico, o mais perto do corpo, não é uma representação, é uma tensão. É a imperiosa expressão da busca de satisfação. Quando Freud fala do representante psíquico da pulsão, faz alusão ao modo como a excitação, de origem endossomática, chega ao psíquico e se manifesta no corpo. O representante psíquico da pulsão é uma manifestação de delegação, de demanda do corpo ao psíquico. Aqui veremos que representação surge com uma conotação diversa, pois *Repräsentanz*, termo alemão, deve ser entendido como delegação.

Conforme Laplanche e Pontalis (1967), esta ideia de delegação é entendida de duas formas diferentes: algumas vezes é a própria pulsão que aparece como o representante psíquico das excitações provenientes do interior do corpo; outras, “a pulsão é assimilada ao processo de excitação somática, e é então ela que é representada no psiquismo por representantes da pulsão” (p. 591). Mas, apesar das contradições de Freud, diz o autor que ele mantém, ao longo de sua obra, a ideia da relação entre o somático e o psíquico em comparação com a relação que existe entre um delegado e seu mandatário. Este representante da pulsão compreende dois elementos: o representante – representação e o *quantum* de afeto.

Qual é a função do representante psíquico? O representante psíquico irá procurar no psiquismo algo suscetível de lhe dar satisfação, isto é, buscará no psiquismo a representação do objeto que outrora lhe trouxe a satisfação. Ou seja, o representante psíquico irá se aliar a uma representação de coisa pré-existente. Então, qual é o modelo básico da representação de coisa? É o modelo da experiência de satisfação (Freud, 1895, 1900). O modelo da experiência de satisfação relaciona-se ao estado de desamparo inicial (*Hilflosigkeit*) (Freud, 1895). A experiência de satisfação requer uma modificação externa para que a modificação interna se produza. Esta experiência é posterior à alteração interna.

Diz Freud (1895) que, com o aumento da tensão interna, em primeiro lugar, intervém uma tentativa de descarga através da expressão das emoções. Entretanto, apenas com a alteração interna (expressão de emoções) não há descarga da fonte pulsional e o estímulo endógeno continua a ser recebido. A quantidade de excitação corporal é percebida no polo perceptual como qualidade, como desprazer. Porém, esta via de descarga tem uma importante função secundária, “a da comunicação, e o desamparo inicial dos seres humanos é fonte primordial de todos os motivos morais” (*Ibid.*, p. 422).

A ação específica suscetível de acalmar a necessidade é trazida pelo objeto externo, pelo assistente alheio. A criança desamparada

por meio de dispositivos reflexos, cumpre imediatamente no interior do corpo a atividade necessária para eliminar o estímulo endógeno. A totalidade do processo representa então uma experiência de satisfação, que tem consequências mais decisivas para o desenvolvimento das funções individuais (*Ibid.*, p. 422).

A satisfação fica ligada à imagem do objeto que proporcionou a satisfação, bem como à imagem do movimento reflexo que permitiu a descarga. Quando aparecer novamente o estado de tensão, a imagem do objeto é reinvestida. Freud, no *Projeto para uma psicologia científica* (1895), já afirmava: “Não tenho a menor dúvida de que a ativação de desejo produza algo idêntico a uma percepção – ou seja, uma alucinação” (*Ibid.*, p. 424). Ele anuncia o que se tornará posteriormente a realização alucinatória do desejo, não nomeada nesta fase e que tem seu seguimento, principalmente, em *A interpretação dos sonhos* (1900).

Conforme Valls (1995), o registro da imagem do objeto e dos movimentos realizados pelo objeto e pelo sujeito, deixados no aparelho psíquico pela experiência de satisfação, configura os atributos da representação de coisa. A sensação prazerosa será o núcleo *coisa* da representação de coisa, o que mais profundamente se deseja. Green (1990, 2002a) assinala que o núcleo mais rico da atividade psíquica é a representação de coisa, pois ela é o único elemento comum entre o sistema inconsciente e o sistema consciente. Assim, é neste espaço, nesta diferença entre a representação de coisa consciente e a representação de coisa inconsciente, que temos acesso aos conflitos inconscientes.

Machado (1999) postula que o

eu torna-se senhor do grito, e este se imprime dentro do eu como uma firma, uma assinatura primordial [...]. Eis, portanto, os primeiros restos mnêmicos, as primeiras representações fundantes do eu psíquico. O grito já não é descarga. É a expressão do desejo pelo resto mnêmico primitivo constitutivo desta identidade primordial do eu psíquico (p. 453).

Assim, nesta cadeia representacional temos o representante psíquico (não tem representação, é uma tensão) que se liga à representação-coisa, formando o representante-representação.

A teoria da representação de Freud, segundo Garcia-Roza, teve um longo percurso teórico para ser elaborada, iniciando em *Sobre as afasias* (1891, citado por Garcia-Roza, 1995) e se completando com os artigos metapsicológicos de 1915. Assim, em *Repressão* (Freud, 1915b), ele descreve, pela primeira vez, o

processo de recalçamento primário e o conceito de *Vorstellungsrepräsentanz*. Até então ele empregava os termos *Vorstellung* e *Repräsentanz* independentemente um do outro e ambos com significado nem sempre preciso. Para Botella e Botella (2002), este é o único conceito que tem direito a uma definição metapsicológica, pois ele é indissociável do recalçamento primário e determina o que constitui o próprio sistema inconsciente.

Assim, em *Repressão*, Freud (1915b) escreve:

Temos motivos suficientes para supor que existe um recalçamento primário, uma primeira fase do recalçamento, que consiste em negar entrada no consciente ao representante psíquico (ideacional) da pulsão. Com isso, estabelece-se uma fixação; a partir de então, o representante em questão continua inalterado, e a pulsão permanece ligada a ele. Isso se deve às propriedades dos processos inconscientes [...] (p. 171).

Green (1990), seguindo Freud, ilustra o recalçamento primário: o representante-representação, que continua insatisfeito, vai tentar passar para a consciência. Então, o representante-representação irá apresentar-se diante do pré-consciente, mas, devido às relações que existem com o recalçamento, ele é recalçado. O recalçamento o obriga a trabalhar. Uma representação não fica no inconsciente no seu estado original, ela se transforma, disfarça-se, condensa-se, desloca-se para não ser reconhecida.

Até aqui estamos falando do sistema inconsciente, do processo primário, do princípio do prazer, da energia livre, da identidade de percepção. Quando passamos ao sistema pré-consciente/consciente, vamos lidar com a relação representação de palavra / representação de coisa.

Freud (1915c) diz que a palavra adquire seu significado através da vinculação com a representação de coisa: “A própria representação de objeto, por sua vez, é um complexo associativo composto pelas mais variadas representações visuais, acústicas, táteis, cinestésicas e por diversas outras representações ainda” (p. 243). Lembrem Laplanche e Pontalis (1967) que o privilégio da representação de palavra não se resume a uma supremacia do auditivo sobre o visual. Freud mostrou que, na esquizofrenia, as representações de palavras são tratadas como representações de coisa.

Veremos agora que, com a introdução da segunda tópica, haverá mudanças significativas no que tange às representações. Freud passa a postular que somente o ego inconsciente e consciente pode ter representações. No id não há representações, no id somente há moções pulsionais. Esta é uma modificação

central, pois, na primeira tópica, a camada mais profunda da mente, o inconsciente, é organizado em torno às representações. Na segunda tópica, na camada mais profunda, no id, não há representações. Na primeira tópica, a pulsão não está integrada ao aparelho psíquico, e este só começa no nível das representações inconscientes. Na segunda tópica, ao contrário, as pulsões não estão nem fora, nem no limite, elas estão dentro do aparelho psíquico, localizadas no id. O lugar da representação desapareceu nesta camada mais profunda e são as moções pulsionais em si que cobram o protagonismo. O id substitui o inconsciente, e este passa a ser uma simples qualidade psíquica. Com este movimento, a representação perde o seu lugar central. Deste modo, Freud é obrigado a levar em consideração o irrepresentável, daquilo que é pura energia, nem tudo será representado. A representação, tal como Freud a concebe na primeira tópica, aparece como um dado do aparelho psíquico, enquanto que, em 1923, a representação surge como um possível resultado do trabalho psíquico (Freud, 1923). Postula Green (1990) que a segunda tópica põe em jogo a pulsão de morte e o desejo de destruição, enquanto a primeira tópica só conhece um desejo inconsciente: o desejo sexual.

Green (1990) aborda, ainda, as relações do representante psíquico com a pulsão de destruição. Postula o autor que, se o representante psíquico destrutivo se aliar à representação de coisa, no material do paciente terá elementos de destrutividade e de ódio visíveis, os quais o analista poderá tentar analisar ou reverter. Mas caso o representante psíquico da pulsão de morte não se ligue a uma representação de coisa, ficará livre, não ligado, agindo no sentido de destruição de representações e da própria capacidade representativa, de modo a romper os vínculos entre os elementos psíquicos. Aí teremos a verdadeira destrutividade: a destrutividade do desinvestimento, a destrutividade do branco, a destrutividade da anobjetabilidade e da ruptura da relação com o objeto externo e com o objeto interno. Cabe destacar que esta é uma leitura contemporânea de Freud.

A mudança conceitual e metapsicológica – o símbolo e as relações objetais

Para iniciar este tópico, parece-nos interessante articular as origens etimológicas da palavra símbolo com as implicações do uso psicanalítico do conceito de símbolo.

Vários autores (Jones, 1916; Green, 1990; Laplanche & Pontalis, 1967) remontam o termo símbolo à definição grega de *symbolon*, que consistia num

objeto cortado em duas partes portado por duas pessoas pertencentes a uma mesma seita que se separavam e que se constituía num signo de reconhecimento no momento em que seus portadores se reencontravam e podiam reunir os pedaços. Ou seja, o *symbolon* denotava a ligação entre aqueles dois sujeitos. Consideramos que o início do uso do conceito de símbolo pela psicanálise, a partir de Ferenczi, Jones, mas especialmente de Klein, ao invés de representação, denota exatamente que se passou a considerar que aquilo que é simbolizado, desde muito primitivamente, é a experiência do sujeito com o objeto. Ou seja, o símbolo psicanalítico seria aquilo que está entre o sujeito e o objeto, que simboliza esta relação. É o elemento que, a exemplo do *Symbolon*, contém aspectos de um e de outro: do sujeito (a pulsão), do objeto (a maneira como ele é percebido) e daquilo que os une (o afeto).

Como dissemos na introdução, um conceito não pode ser estudado e devidamente compreendido fora de seu ambiente metapsicológico. Como já vimos, Freud restringia o termo símbolo àqueles elementos pertencentes à cultura e de significado universal, permanente e não pessoal, idiossincrático. O estudo destes elementos constituiu a *simbólica* de Freud. Foi com Ferenczi (1913) e Jones (1916) que se iniciou a utilização do termo e se procederam às primeiras modificações na concepção do que seria um símbolo psicanalítico.

Segundo Levy (2001), com Ferenczi “talvez estejamos [...] a meio caminho entre a simbólica de Freud e uma concepção mais extensa de simbolismo” (p. 14). Assim, Ferenczi (1913) diferencia simbolização de representação. Embora não nos pareça muito clara a sua conceituação, a destacamos, pois é uma primeira tentativa de diferenciar os dois conceitos. Segundo ele, símbolos (no sentido psicanalítico) são as coisas (representações) que chegam à consciência com uma carga afetiva não justificada pela lógica e que se devem a uma identificação inconsciente com uma outra coisa à qual pertence o suplemento afetivo. Jones (1916) estabelece um marco conceitual para o que seria o verdadeiro símbolo psicanalítico; diz que o símbolo é composto de elementos conscientes e inconscientes e que a repressão de uma tendência afetiva resulta num produto de substituição que foi gerado pelo conflito das forças reprimidas com as forças repressoras.

Entretanto, Klein (1930; 1932) passa a conceituar que, desde os primórdios do desenvolvimento, o bebê, movido pelas pulsões – especialmente a de morte – e pelas defesas contra elas, constrói *imagos* que refletem suas experiências. Note-se que Klein inicia falando de imagos, não de representações e nem de objetos, num primeiro momento. Posteriormente é que evoluirá para seu conceito de objetos internos com toda a sua variedade, os da posição esquizoparanoide e os da posição

depressiva. Quando Klein (*Ibid.*) refere-se a *imagos* e a objetos internos, acreditamos que se refere a uma construção simbólica que vai além da reapresentação do registro mnêmico do objeto da satisfação e da experiência de satisfação em si. Constitui-se numa construção simbólica já com algum grau de complexidade que reflete toda uma experiência psíquica que está sendo vivenciada pelo sujeito primitivo. Esta imago será produto da pulsão subjacente predominante, da defesa contra ela e da ansiedade (o afeto) presente. Diferente de Freud, Klein admite que as simbolizações contidas no mundo interno e, ao mesmo tempo, constituintes dele, carreguem, contemham os afetos em jogo. Assim, quando uma determinada imago é construída, ela, na sua forma simbólica, já carrega o afeto envolvido na experiência.

Mas será Susan Isaacs (1943) quem irá realmente teorizar de modo consistente a respeito dessas fantasias inconscientes estruturantes do inconsciente na metapsicologia kleiniana. Esta autora, além de sintetizar e teorizar com profundidade a nova metapsicologia emergente, é precursora de inúmeros conceitos contemporâneos posteriormente formulados por Bion e Winnicott, por exemplo (Ogden, 2012).

Isaacs (1943) faz uma ponte com Freud, mas vai além dele como veremos. Diz que o id recebe dos processos somáticos as necessidades instintivas e dá-lhes expressão mental. Assim, “a expressão mental do instinto é a fantasia inconsciente. Não existe impulso, ou ímpeto, ou reação instintiva, que não sejam experimentados como ‘fantasia’ inconsciente” (*Ibid.*, p. 96). Considera que “os primeiros processos mentais, os representantes dos instintos libidinais e destrutivos, têm que ser encarados como os primórdios das fantasias” (*Ibid.*). Mas dirá, em sua conceituação, que não só as pulsões, mas as defesas e todos os sentimentos são experimentados em fantasias que lhes incutem vida mental. Logo, depreende-se, a fantasia é o modo como as vivências assumem qualidade mental, passam a ser conteúdos da mente propriamente dita, deixam de ser somáticos, deixam o terreno da sensorialidade e passam ao mental (Levy, 2001).

Gostaríamos de enfatizar este aspecto, pois há aqui uma diferença substancial em relação à conceitualização freudiana. Neste referencial, através da fantasia inconsciente, o que é simbolizado é a experiência com o objeto. Não é apenas o processo intrapsíquico de satisfação, é a vivência com o objeto que é simbolizada. O símbolo passa a ser aquilo que retrata a relação sujeito/objeto.

Isaacs (1943) descreve todo um espectro de evolução das fantasias inconscientes mais primitivas, das mais concretas até as mais abstratas e, portanto, mais evoluídas, lembrando o que viria a ser no futuro a grade de Bion (1963). Deixa claro que as primeiras fantasias são tão concretas que se confundem com

percepções, como na satisfação alucinatória do desejo descrita por Freud (1895, 1900, 1911). Acrescenta que as primeiras fantasias estão muito longe das palavras e do pensamento lógico. Posteriormente é que poderão ser expressas em palavras e, antes ainda, no brinquedo. Assim, os significados estão na mente muito antes dos significantes verbais. Mas estes serão o corolário de todo o processo de simbolização. Entretanto, Isaacs (1943) deixa claro seu ponto de vista de que podem existir fantasias complexas, em termos de significado, em forma visual e auditiva. Ou seja, de que elementos visuais ou auditivos funcionem como símbolos mentais de vivências afetivas complexas. Acrescenta que os sonhos ilustram o quanto podemos ter uma vivência complexa e dramática apenas representada em termos visuais. E pela arte sabemos que “uma riqueza de significações pode residir num contorno, numa cor, uma linha, um movimento, uma massa, uma composição de forma ou cor, ou de melodia e harmonia numa música” (*Ibid.*, p. 103).

Descreve, com maior precisão ainda, que as fantasias mais remotas e rudimentares estão muito próximas à experiência sensorial e são *interpretações afetivas das sensações corporais*, lembrando o conceito de *pictograma afetivo* que seria desenvolvido anos depois por Piera Castoriadis-Aulagnier (2004). Sublinhamos este trecho, pois ele pressupõe, em seu conceito, que, primitivamente, o que ocorre não são apenas registros mnêmicos da experiência sensorial; já existe, nestes registros, um significado afetivo. Esse processo primário domina a mente no início, mas logo, já no segundo mês (de vida), “existe um grau muito considerável de integração em percepção e comportamento, com sinais de memória e previsão” (Isaacs, 1943, p. 112), ou seja, já começa o desenvolvimento do processo secundário de ordenação da experiência.

O ponto de virada na trajetória evolutiva da fantasia inconsciente está no estabelecimento e fortalecimento do elemento visual: a partir dele começam as discriminações interno/externo e o caráter mais simbólico dos conteúdos mentais. Sua descrição de como se iniciam as fantasias a partir das primeiras impressões sensoriais, desde o início da vida, lembram muito o modelo de Bion. Coloca a frustração com o caráter evanescente da gratificação alucinatória do desejo como um estímulo à adaptação e a pensar sobre a realidade externa (Levy, 2001).

Ogden (2012) ampliará a importância que este trabalho de Isaacs assume na evolução da psicanálise contemporânea. Considera que este entendimento do papel da fantasia (mais acuradamente, fantasiar) na vida psicológica inconsciente constitui um *turning point* no desenvolvimento da teoria psicanalítica. Isaacs concebe todos os processos mentais e mecanismos mentais como formas de fantasiar inconsciente, agora vistos como criações psicológicas individuais, particulares, únicos para cada indivíduo.

Ogden (2012) entende que as ideias de Isaacs constituem uma transição da era Freud-Klein para a era Winnicott-Bion da psicanálise atual. Na era Freud-Klein, o foco da psicanálise era primariamente compreender o que pensamos (o conteúdo simbólico dos pensamentos inconscientes, os sonhos, por exemplo). Na era Winnicott-Bion, o foco primário está nos modos como pensamos (as várias formas de pensar e até a inabilidade para pensar, que se refletirá em sonhos, jogos e no imaginário, assim como no estado psicótico de não ser capaz de pensar). Os trabalhos de Isaacs tiveram, segundo ele, uma função transicional entre estes dois períodos. Passou-se da era do simbolismo para a era da simbolização segundo destacou Levy (2001).

Isaacs (1943), ao utilizar a definição de fantasia como a *interpretação subjetiva da experiência*, significa que envolve tanto um aspecto perceptivo do *self* como um aspecto do *self* que interpreta (é capaz de dar significado simbólico) aquilo que está experimentando. Assim fantasia e significado seriam inseparáveis. Ogden (2012) conclui dizendo que, com Isaacs, fica claro que o fantasiar não somente gera conteúdo psíquico inconsciente, como se constitui no próprio pensar inconsciente.

O que queremos frisar neste *mapeamento* que estamos procurando fazer é que nesta nova metapsicologia há uma ampliação metapsicológica. Passa-se de uma metapsicologia na qual o referencial é dinâmico-tópico-econômico-genético, para uma ampliação dos espaços da mente, onde o objeto possui um papel relevante. De um modelo instintivista, passamos a um modelo em que a experiência com o objeto e o seu interior passa a ser levada em conta. Há uma ampliação da geografia da mente (Meltzer, 1992), onde os processos introjetivos/projetivos – e posteriormente a identificação projetiva – ocuparão um papel revolucionário: há conteúdos – e depois, com Bion, funções mentais – que transitam entre a mente do sujeito e a do objeto.

Além da pulsão e do registro mnêmico da experiência de satisfação, também as defesas e os afetos da experiência decorrentes da presença do objeto são registrados. De um modelo intrapsíquico passa-se a um modelo relacional que abrirá espaço a um modelo intersubjetivo, com todas as repercussões clínicas que vêm ocorrendo e que retomaremos adiante. Assim, entendemos que o conceito de representação não se ajusta mais ao que é descrito no modelo inaugurado por Klein. O conceito de símbolo psicanáltico passa a ser utilizado em suas versões mais concretas ou em versões mais abstratas e complexas, como bem descreve Isaacs em seu detalhamento da evolução das fantasias inconscientes acima mencionado.

Com as contribuições posteriores de Bion e Winnicott, desde este prisma

teórico, ocorre mais um salto conceitual de efeitos revolucionários, inaugurando um novo modelo de conceber a teoria da simbolização e a própria clínica psicanalítica. Passa a ser entendido não só que o símbolo é criado a partir da relação com o objeto, mas que é criado conjuntamente, no intercâmbio de emoções e funções entre o bebê e a mãe, no modelo bioniano, e no espaço *entre* os dois, no winnicottiano. Entendendo-o desde uma perspectiva histórica, o conceito de representação, ainda muito atrelado ao modelo instintual, não se ajustava mais à visão relacional e muito menos à intersubjetiva. Não é exagero enfatizar que não estamos dizendo que um é mais avançado que outro, mas apenas que pertencem a modelos metapsicológicos distintos. Tanto que o conceito de representação também teve sua evolução e ampliação no seu marco metapsicológico, especialmente a partir de Green.

Além do mais, ocorre outra mudança essencial neste momento. Especialmente a partir de Bion, passa-se a considerar que o que põe em marcha o processo simbólico não é necessariamente a atividade pulsional, mas a experiência emocional. Segundo Ferro (2011), emoções suscitadas no encontro com o objeto vão muito além da pulsão, considerando o impacto originado desde o objeto. O que vem ao encontro do conceito de objeto estético de Meltzer (1988) como sendo aquele capaz de suscitar intensas emoções e sensações.

Fazendo uma pequena digressão, ocorre-nos que contribuições oriundas da filosofia também contribuíram para que o conceito de símbolo, enquanto constituinte da mente humana, se tornasse prevalente na corrente inglesa da psicanálise, conforme, aliás, já foi estudado por Marilsa Taffarel (1997). Especialmente as contribuições de Cassirer (1944) e de Susanne Langer (1941) parecem ter exercido forte influência, especialmente em Bion, que tinha grande conhecimento e trânsito pela filosofia. Acreditamos nisso, pois, ao lerem-se estes filósofos, é impossível não reconhecer neles algumas ideias da psicanálise contemporânea e porque escreveram trabalhos basilares sobre a função simbólica da mente nos anos 40 do século XX. Cassirer (1944), por exemplo, dirá que o homem é um animal simbólico e não racional. Afirmará também que, no homem, além dos sistemas receptor e efector, encontrados em todos os animais, existe o *sistema simbólico*, que indica uma mudança qualitativa na evolução da espécie humana. Esta aquisição transformou o conjunto da vida humana, aproximando-se das ideias defendidas por Freud em *Formulação sobre os dois princípios do Funcionamento Mental* (1911). Cassirer (1944) também destaca que, no homem, da mesma forma que Bion afirmará depois, há uma evolução mental que vai da atitude prática, sensorial, a uma atitude simbólica que é construída pela apreensão das relações abstratas entre as coisas! De seu lado, Susanne Langer (1941) faz

contribuições ainda mais impactantes e próximas à psicanálise em seu livro *Filosofia em nova chave* (1941). Diz ela que a moderna psicologia (a psicanálise) e a moderna lógica desenvolveram-se além de suas expectativas pela descoberta que fizeram do poder da simbolização. Aprofunda ainda mais afirmando que “nosso interesse pela mente deslocou-se cada vez mais da aquisição da experiência, o domínio do sentido, para os *usos* dos dados sensoriais, o reino da concepção e da expressão” (Langer, 1941, p.38).

“A importância no emprego do símbolo, se admitida, logo se faz central no estudo da inteligência, pois o ato essencial do pensamento é a simbolização.”(Ritchie, 1936, citado por Langer, 1941, p.38). Langer (1941) passa a considerar, a exemplo de Cassirer, que a chave, a via de acesso para compreender a vida mental, caracteristicamente humana, não animal, é a simbolização. Suas contribuições causam impacto pela conexão quase imediata com as ideias de Bion. Acredita que o homem possui *uma necessidade básica que é a necessidade de simbolização, essencialmente humana*. Uma simbolização que pode ser tosca, primitiva, mas que deve existir.

A função de fazer símbolos é uma das atividades primárias do ser humano, da mesma forma que comer, olhar e andar. É o processo fundamental de sua mente e funciona o tempo todo. Às vezes estamos cômnicos dele, às vezes deparamos meramente com seus resultados e compreendemos que certas experiências passaram por nosso cérebro e foram ali digeridas (*Ibid.*, 1941, p. 51).

Mas, voltando à psicanálise, já comentamos que, com a ampliação metapsicológica de Klein, a descrição de uma nova geografia dos espaços mentais, por meio do intercâmbio permanente sujeito/objeto através dos mecanismos de projeção/introjeção, consolida-se uma psicanálise mais voltada a entender o que ocorre no encontro e desencontro do bebê com seus objetos. De uma psicanálise unipessoal passamos a uma psicanálise relacional e – como não poderia deixar de ser – os processos de simbolização passam a ser entendidos à luz desta ótica. Nesta nova metapsicologia, a transferência adquire nova conotação e deixa de ser considerada apenas uma reedição do passado, passando a ser entendida principalmente como uma externalização do mundo interno e seus objetos, construções simbólicas de alta complexidade (Ferro, 1995).

Aprofundando um pouco o estudo das ampliações metapsicológicas ocorridas a partir de Klein, poder-se-ia dizer que Bion e Meltzer ampliaram o estudo da geografia dos espaços mentais clarificando como estes se comunicam

ou não, em que situações e as consequências para o crescimento mental ou para a psicopatologia. Bion (1962b), por exemplo, conceitua que o bebê, através de uma identificação projetiva com finalidades comunicativas, coloca dentro da mãe suas angústias e que esta, com sua capacidade de *rêverie* as acolhe, as transforma em elementos α e, assim, permite que esses elementos transformados sejam reintrojados com algum sentido. Ao fazer isso, Bion está supondo que um elemento psíquico do bebê, a angústia, foi transformado no espaço psíquico da mãe e reintrojado com acréscimo de significado. Como o autor inglês considera que apenas os elementos α é que podem ser armazenados e ligados entre si, depreende-se que estes primeiros elementos transformados na mente da mãe fundam o inconsciente do bebê. Os primeiros elementos α são as primeiras simbolizações fundantes do inconsciente, de acordo com Bion. Dentro deste referencial poder-se-ia dizer que houve a transformação de um elemento protomental em um elemento mental, ou transformação de angústia livre em angústia ligada a uma representação, no modelo freudiano. Reitere-se que foi uma transformação ocorrida no interior da mente da mãe. Logo, se quisermos, podemos dizer que, no plano intrapsíquico, houve uma alteração topográfica, intermediada pelo espaço psíquico do objeto (Levy, 2011).

Meltzer (1992) ampliou muito o estudo da geografia dos espaços mentais, detalhando não só o interior dos objetos externos, mas especialmente o interior dos objetos internos. Estudou particularmente a maneira como se concebe o interior da mãe internalizada, seus compartimentos e as consequências, para o psiquismo, da intrusão nestes espaços.

Winnicott (1951), com seus estudos seminais sobre o espaço potencial, insere-se no contexto da ampliação da geografia dos espaços mentais, conceituando que, além de compreender os fenômenos inconscientes que ocorrem no sujeito, ou no objeto, há que entender o que se passa entre eles no espaço intermediário.

Bion, de acordo com Meltzer (1984), acrescentou ainda outra dimensão metapsicológica, além de Klein, que foi a epistemológica. Ou seja, para entender integralmente um fenômeno psíquico não bastará ver a sua dinâmica, gênese, economia, topografia, geografia, mas também o que ele significa em relação ao conhecimento: ele busca agregar conhecimento, falsear conhecimento, destruir o conhecimento já adquirido? Ou, se preferirmos, ele é K, -K ou não K?

Implicações na técnica contemporânea

As contribuições teóricas discutidas acima, no entender nosso e de muitos autores – Ferro, Ogden, Levine, Green, Alvarez – revolucionaram não só a teoria

relativa aos processos simbólicos, mas também tiveram repercussões na técnica psicanalítica. Assim, com as ampliações já mencionadas, passou-se a um terceiro modelo: o intersubjetivo. Ou seja, passou a interessar não só o que ocorre no intrapsíquico do paciente, nem apenas na relação com o objeto, mas também nos intercâmbios de conteúdos e funções mentais entre sujeito e objeto e a ampliação da mente que daí decorre.

Levy (2001) acrescenta que o resultado de todo este processo é que a técnica psicanalítica evoluiu da decifração dos símbolos ao estímulo de sua criação no campo analítico. O campo analítico, com toda a relação intersubjetiva estabelecida entre analista e paciente, passa a ser entendido como o espaço em que os significados são gerados.

As ideias de Green (2002b) corroboram que o pensamento clínico, em Freud, estava centrado no intrapsíquico do paciente, somente devendo ser considerado o que emanava dali. Considera que todas as correntes psicanalíticas vieram a ampliar seu foco e no mesmo sentido. Diz ele:

Se tivéssemos que eleger um único traço para caracterizar a mudança produzida depois de Freud, penso que este se deveria situar na crítica à teoria das pulsões, na medida em que descuida, inclusive omite o papel do que tomará o nome, segundo as teorias, de objeto (relação de), Outro (com minúscula e com maiúscula), sujeito (intersubjetividade), ao que Freud não outorgou suficiente interesse (*Ibid.*, pp. 19-20).

Em consonância com o que desenvolvemos anteriormente neste trabalho, Green (2002b) considera que o nome de Ferenczi deve ser colocado em primeiro lugar no que se refere à mudança de rumo no sentido de passar a “preocupar-se com o papel que os intercâmbios entre o analisando e o analista tem no desenlace da cura” (*Ibid.*, pp. 20-21). “Desde então, no movimento psicanalítico, o acento se desloca da elucidação dos mecanismos inconscientes para as influências mútuas dos membros da dupla analítica” (*Ibid.*, p. 23). A solução que Green preconiza – compartilhada em medida considerável – é a articulação do intrapsíquico e do intersubjetivo. Diz ele: “A tarefa é ligar o que ainda é rudimentar e dar-lhe continência numa figura” (*Ibid.*, p. 27). Interessante notar o papel da figura, da imagem, neste trabalho que Botella e Botella (2002) chamam de figurabilidade e que, desde Isaacs, compreendemos: o incremento do elemento visual nas fantasias inconscientes implica num maior caráter simbólico dos conteúdos mentais. Assim, Green (1972) sugere trabalhar com o paciente “numa operação dupla: dar um

continente para o conteúdo e um conteúdo para o continente” (p. 49), lembrando muito as conceituações bionianas.

Já Levine (2012), um psicanalista americano, em recente trabalho, discute dois modelos de processo analítico na perspectiva contemporânea. Refere-se aos modelos *arqueológico* e *transformativo*. O primeiro, oriundo da visão psicanalítica de Freud no estudo das neuroses, continuaria sendo válido para os pacientes “cujos elementos psíquicos tivessem adquirido representação e estivessem ligados uns aos outros por associação” (*Ibid.*, p. 209). Levine reconhece o valor deste modelo, mas o considera insuficiente para outros pacientes. Como recém mencionamos, pacientes que

sofrem conseqüências de estados mentais sem representação ou com representação frágil, requerem a adição de um modelo construtivo ou transformativo de interação analítica, que se centra no funcionamento da mente do analista como parte da díade analítica, para a criação e/ou fortalecimento de elementos psíquicos e/ou além da sua revelação ou descoberta (*Ibid.*, p. 209).

No modelo transformativo, a tarefa de analisar defesas ou revelar significados ocultos dá lugar à posição do analista de emprestar sua própria psique para desenvolver um estado mental no paciente capaz de gerar pensamentos e sentimentos. Neste modelo, o “surgimento de processos espontâneos, inconscientes e intersubjetivos de transformação permitem a criação e fortalecimento de representações psíquicas, símbolos e cadeias associativas significativas” (*Ibid.*, p. 210).

Então, pode-se esperar que qualidades intangíveis, intersubjetivas da relação paciente-analista assumam importância igual, se não maior, do que os fatores *objetivos*, centrados no paciente, para determinar a profundidade do envolvimento analítico, as qualidades do processo e o resultado final do tratamento. Entre estes fatores não técnicos, a resposta intuitiva do analista às necessidades do paciente, a aplicação inspirada do que se convencionou chamar de *arte da psicanálise*, envolvendo o paciente numa busca de significado quase independente da natureza do significado descoberto, ou o efeito salutar de fatores terapêuticos não específicos da relação analítica, como consistência, empatia, preocupação isenta de crítica, manutenção da atitude e do enquadre analítico.

Aprofundando um pouco mais o estudo do modelo transformacional e detalhando a técnica psicanalítica em pacientes regressivos, casos-limites, borderlines, com insuficiências nos processos de simbolização, poder-se-ia dizer

que é como se o processo se desenvolvesse em dois tempos (Levy, 2012a). Richard (2001) chamará o tempo do transicional e do interpretativo propriamente dito. Por transicional entenda-se o tempo em que as intervenções situam-se entre a realidade interna e externa do paciente; nos personagens trazidos e criados na sessão; em que a presença e o olhar do analista são mais importantes que a agudeza interpretativa de conteúdos mentais. O objetivo seria, primeiro, expandir o continente para, num segundo momento, o paciente poder pensar alguns pensamentos inicialmente impensáveis. Ferro (1995) afirma que esses pacientes acostumaram-se a se defender de estados mentais que não podem tolerar, cindindo-os e fazendo com que outros tenham que vivê-los. Ressalta que a autoidealização, a autossuficiência aparente, a superioridade é o que os salvam do despedaçamento. Diz que é “fundamental aceitar a ingrata tarefa que o paciente, não tendo equipamento para fazê-lo, dará ao analista através de identificações projetivas; isto é, a tarefa de viver e aos poucos transformar, no seu lugar, determinadas emoções” (*Ibid.*, p. 167).

Winnicott (1969) destaca a importância de o analista poder esperar e conter interpretações, especialmente em pacientes severamente perturbados, nos casos-limites. Levy (2012a) salienta que esta *espera* não consiste em uma passividade analítica. Não, ela envolve tentativa de compreensão, continência de emoções intensas, tentativas de transformação em alfa, trabalho no espaço transicional etc. A tática consiste em instaurar a situação analítica, mais do que interpretar em um primeiro momento, completa Richard (2001), descrevendo as experiências vividas pelo paciente para lhe permitir introjetar a força do sentido. É preciso exprimir algo em relação ao paciente, mas preservando o enigma, para satisfazer sua necessidade de ser visto (Winnicott, 1967) e aprovado.

Parece ser preciso instaurar a situação analítica para criar-se uma relação continente na qual o paciente se sinta olhado, entendido, para que, finalmente, emerjam angústias primitivas cindidas, impensáveis. Essa continência ocorre pela *colocação* e análise de algumas fantasias e emoções no espaço transicional, ou seja, nem no mundo interno, nem no real. Desde o vértice bioniano, ao se fazer isso, expande-se o continente pela expansão da barreira de contato, consequência da proliferação de elementos alfa, que termina por permitir a inserção de mais contidos, ou, se preferirmos, mais experiências emocionais.

Alvarez (2012) chama a atenção para o fato de que tem sido muito discutida, nas últimas décadas, a importância relativa de dois níveis de trabalho com pacientes limítrofes ou muito prejudicados, ou seja, *insight versus* outros níveis mais primários de compreensão. Discussões essas que têm sido expressas por diversos termos. Segundo ela (*Ibid.*), Bion, Feldman, Joseph, Steiner contrapõem o

equilíbrio entre a necessidade de o paciente se responsabilizar por certos sentimentos *versus* a necessidade de o próprio analista contê-los. Já Fonagy e Target discutem insight *versus* mentalização, enquanto Stern e Sander sublinham a importância de algo além da interpretação no sentido de um modo *processual* de processamento de informação durante um *momento de reconhecimento* (*Ibid.*). Botella e Botella (2002) descrevem a necessidade de o analista empreender o trabalho de figurabilidade com pacientes cujos traços de memória não são representacionais e são mais semelhantes a traços mnésicos. O importante, nos parece, é que há uma preocupação técnica *geral* – concordemos ou não com as abordagens mencionadas – com o desenvolvimento da capacidade simbólica, seja de produção simbólica, seja de continência destes pensamentos, e não mais simplesmente com a revelação de conteúdos inconscientes.

Assim, a psicanálise contemporânea tem-se ocupado em estudar especialmente as situações-limites, de origem traumática, em que prejuízos nos processos simbólicos dos pacientes demandarão uma técnica apropriada. Neste novo modelo de trabalho, o transformativo (Ferro, 2011; Levine, 2012), a mente do analista tem um papel determinante na possibilidade de simbolização das não-simbolizações oriundas de experiências traumáticas, em que emoções brutas ficaram inscritas no sistema protomental, impossibilitadas de serem inscritas na trama simbólica sem a ajuda analítica (Levy, 2012b). Desta forma, por vezes, o analista deverá poder conter durante muito tempo emoções indesejáveis do paciente antes que possam ser re-introjetadas por ele através de interpretações (Alvarez, 1994; Ferro, 1995, 1998; Ogden, 1996, 2005).

Neste sentido, Barros e Barros (2012) acrescentam que acolher ou conter o paciente, para Bion (1962b), através da experiência da contratransferência que incorpora o conceito de *rêverie*, consiste em operar uma transformação nos sentimentos do paciente através da mente do analista, seja dando-lhe uma primeira representação mental para estados não mentais, seja alterando sua representação mental de estados anímicos insuportáveis, tornando a experiência uma nova representação, mais assimilável pelo aparelho mental.

A grande qualidade do campo analítico, então, é funcionar como o lugar de excelência para a vivência dramática, vívida, desta experiência emocional bruta, que é ali despejada, evacuada, à espera de alguma simbolização. É justamente pela sua presentificação no campo analítico que poderá ser simbolizada através da *rêverie* da dupla analítica, por meio de um trabalho de transformação em alfa. É só a partir de sua simbolização que estas emoções intensas poderão ser inseridas na cadeia simbólica e elaboradas, reprimidas e posteriormente *esquecidas* (Alvarez, 1994).

Segundo Ferro (1995), a interpretação não seria mais a extração de um significado, mas a proposta de um *vir a ser*, como diria Bion, insaturado, que retira das emoções do par o impulso para novos e mais complexos significados, que veiculam afetos. A interpretação construída “a duas vozes” (*Ibid.*, p. 36).

Ferro (1995) destaca que este vértice de escuta – modelo teórico que deriva da confluência de conceitos de Bion (1962a) e Baranger, Baranger e Mom (1983) – é apenas um ângulo da escuta e, “se fosse o único, causaria uma relação que se dobraria esterilmente sobre si mesma” (Ferro, 1995, p. 35). Porém, segundo o autor, é o de maior espessura psicanalítica: “a escuta do que o paciente diz (ou não diz) como algo que narra continuamente o que acontece entre as duas mentes na sessão, vértice que devemos compartilhar para alcançar o paciente onde ele estiver” (*Ibid.*, p. 38). *Todos* os outros níveis, de outros vértices, têm valor enquanto depósito de uma tercialidade em relação ao par.

Considerações finais

Nosso propósito foi o de fazer um mapeamento da evolução dos conceitos de representação e de simbolização inseridos dentro de seus contextos metapsicológicos. Historicamente o conceito de representação esteve mais vinculado ao modelo inicial de aparelho psíquico de Freud, ancorado no funcionamento da percepção e da memória. Posteriormente, as ampliações metapsicológicas conduziram a passagem à utilização do conceito de símbolo. Entretanto, hoje em dia, com os desenvolvimentos da psicanálise contemporânea, especialmente graças às contribuições de Green e de outros autores franceses, o próprio conceito de representação evoluiu no sentido de ser mais do que a reapresentação da experiência de gratificação do desejo, para abarcar também a presença e a participação do objeto na sua constituição.

Finalizando, podemos dizer que podemos identificar três modelos na psicanálise que codeterminam tanto a conceituação dos processos de simbolização quanto a própria técnica psicanalítica: o modelo pulsional, focalizando predominantemente os processos intrapsíquicos; o das relações de objeto, ainda dando muita ênfase ao intrapsíquico, mas valorizando o papel do objeto e as trocas entre sujeito e objeto; e o mais atual com ênfase na intersubjetividade. Em cada um destes modelos a técnica apresentou e apresenta peculiaridades. No modelo mais atual, transformativo, intersubjetivo, a ênfase na expansão da capacidade de simbolização do paciente implica numa abordagem técnica que contemple as condições específicas de cada um, os pacientes com condições de

simbolizar ou os que estão aquém desta condição. Nestes, haverá a preocupação em identificar se é a função simbólica que está prejudicada, ou a capacidade de conter os símbolos produzidos, ou ainda se o que predomina é a atividade de destruir as simbolizações produzidas. A atenção aos fenômenos mais primitivos fica em primeiro plano, pois as dificuldades de simbolização se originam precocemente, às vezes na própria formação do aparelho psíquico do indivíduo. □

Abstract

Symbol and/or representation: a metapsychological mapping

The authors discuss the concepts of representation and symbolization inserted in their metapsychological contexts. This way, they explore the freudian, kleinian and bionian psychoanalytic model respectively, searching to understand the logic origin of these concepts, as well as contrast them, observe their development and discuss the clinical, theoretical and technical implication. In the freudian scope, the authors rely on Freud, Garcia-Roza, Laplanche e Pontalis, Green and Botella & Botella; in the kleinian field, they make use of Klein, Jones, Ferenczi, Susan Isaacs; and finally, in the bionian perspective, Meltzer, Bion, Ogden and Ferro. Lastly, it is described some of their repercussion in the psychoanalytic clinic and technique.

Keywords: drive, representation, representation of thing, representation of word, intrapsychic, symbol, symbolization, object relation, intersubjective.

Resumen

Símbolo y/o representación: un mapeo metapsicológico

Los autores discuten los conceptos de representación y simbolización insertados en sus contextos metapsicológicos. Así exploran los modelos psicoanalíticos freudiano, kleiniano y bioniano, respectivamente, buscando comprender el origen lógico de estos conceptos, contrastarlos, ver sus desarrollos y discutir las implicaciones teóricas, clínicas y técnicas. En el ámbito freudiano se apoyan en Freud, García-Roza, Laplanche y Pontalis, Green y Botella y Botella; en el campo kleiniano utilizan a Klein, Jones, Ferenczi, Susan Isaacs; y, finalmente, en la esfera bioniana, Meltzer, Bion, Ogden y Ferro. Por último, describen algunas de sus representaciones en la clínica y en la técnica psicoanalítica.

Palabras clave: pulsión, representación, representación-cosa, representação-palabra, intrapsíquico, símbolo, simbolização, relação de objeto, intersubjetivo.

Referências

- Alvarez, A. (1994). Abuso sexual de crianças: a necessidade de lembrar e a necessidade de esquecer. In _____. *Companhia viva* (pp. 161-72). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Alvarez, A. (2012). Níveis de trabalho analítico e níveis de patologia: o trabalho de calibragem. In *International Journal of Psycho-Analysis. Livro Anual de Psicanálise* (Tomo 26, pp. 173-90). São Paulo: Escuta
- Baranger, M., Baranger, W. & Mom, J. (1983). *Process and non-process in analytic work. International Journal of Psychoanalysis*, 64 (1), 1-15.
- Barros, E. M. R. & Barros, E. L. R. (2012). Reflexões críticas sobre os processos intersubjetivos: contratransferência, rêverie e o processo de simbolização. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 46 (1), 135-49.
- Bion, W. R. (1962a). Uma teoria sobre o processo do pensar. In _____. *Estudos psicanalíticos revisados* (pp. 101-9). Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- _____. (1962b). *Aprendiendo de la experiencia*. México: Paidós, 1991.
- _____. (1963). *Elementos de psicoanálisis*. Buenos Aires: Ediciones Hormé, 1988.
- Botella, C. & Botella, S. (2002). *Irrepresentável: mais além da representação*. Porto Alegre: Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul: Criação Humana.
- Cassirer, E. (1944). *Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- Castoriadis-Aulagnier, P. (2004). *La violencia de la interpretación: del pictograma al enunciado*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Ferenci, S. (1913). O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. In _____. *Psicanálise II* (Coleção Obras Completas, pp. 39-53). São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- Ferro, A. (1995). *A técnica na psicanálise infantil: a criança e o analista: da relação ao campo emocional*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- _____. (1998). *Na sala de análise: emoções, relatos, transformações*. Rio de Janeiro, Imago.
- _____. (2011). *Evitar as emoções, viver as emoções*. Porto Alegre: Artmed.
- Freud, S. (1895). Projeto para uma psicologia científica. In _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira* (Vol. 1, pp. 381-511). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____. (1900). A interpretação dos sonhos. In _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira* (Vol. 4, pp. 131-43). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In _____. *Obras psicológicas*

- completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira* (Vol. 7, pp. 129-238). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira* (Vol. 12, pp. 277-90). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____. (1915a). Os instintos e suas vicissitudes. In _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira* (Vol. 14, pp. 129-62). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____. (1915b). Repressão. In _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira* (Vol. 14, pp. 169-90). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____. (1915c). O inconsciente. In _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira* (Vol. 14, pp. 191-252). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____. (1923). O ego e o id. In _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira* (Vol. 19, pp. 23-80). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Garcia-Roza, L. A. (1991). Impressão, traço e texto. In _____. *Introdução à metapsicologia freudiana* (Vol. 2, pp. 44-67). Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- _____. (1995). A teoria da representação e o *Vorstellungsrepräsentanz*. In _____. *Introdução à metapsicologia freudiana* (Vol. 3, pp. 242-87). Rio de Janeiro: Zahar.
- Green, A. (1972). O analista, a simbolização e a ausência no contexto analítico. In *Sobre a loucura pessoal* (pp. 36-65). Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- _____. (1990). Teoria das representações (coisas e palavras). In *Conferências brasileiras de psicanálise de André Green: metapsicologia dos limites* (pp. 33-62). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (2002 a). A análise do material e seus componentes. In _____. *Orientações para uma psicanálise contemporânea: desconhecimento e reconhecimento do inconsciente* (pp. 157-98). Rio de Janeiro: Imago, 2008.
- _____. (2002 b). Introducción al pensamiento clínico. In _____. *El pensamiento clínico* (pp. 11-33). Buenos Aires: Amorrortu, 2010.
- Isaacs, S. (1943). A Natureza e a Função da Fantasia. In M. Klein, & J. Riviere. *Os Progressos da psicanálise* (pp. 79-127). Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- Jones, E. (1916). La théorie du symbolisme. In _____. *Traité théorique et pratique de psychanalyse* (pp. 82-138). Paris: Payot, 1925.
- Klein, M. (1930). A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego. In _____. *Contribuições à Psicanálise* (pp. 295-313). São Paulo: Mestre Jou, 1981.
- _____. (1932). Primeiros estádios do conflito edípico e a formação do superego. In _____. *Psicanálise da criança* (2a ed., pp. 173-202). São Paulo: Mestre Jou, 1975.
- Kristeva, J. (1993). *As novas doenças da alma*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- Langer, S. K. (1941). *Filosofia em nova chave* (2a ed.). São Paulo: Perspectiva, 1989.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1967). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Levine, H. B. (2012). Criando analistas, criando pacientes de análise. In *International Journal of Psycho-Analysis. Livro Anual de Psicanálise* (Tomo 26, pp. 207-24). São Paulo: Escuta.

Levy, R. (2001). *Do símbolo à simbolização: uma revisão da evolução teórica e suas repercussões sobre a técnica psicanalítica*. Monografia, Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil.

_____. (2011). Inconsciente ou inconscientes? *Revista Brasileira de Psicanálise*, 45 (2), 73-84.

_____. (2012a). Dando “pensabilidade” ao impensável: criando “andaimes” ao pensar em adolescentes com transtornos severos. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 46 (3), 78-89.

_____. (2012b). From symbolizing to non-symbolizing within the scope of a link: from dreams to shouts of terror caused by an absent presence. *International Journal of Psychoanalysis*, 93 (4), 837-62.

Machado, R. N. (1999). O projeto de Freud diante de uma lente contemporânea. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 6 (1), 53-74.

Meltzer, D. (1984). La ampliación de la metapsicología de Freud realizada por Klein y Bion. In _____. *Vida Onírica: una revisión de la teoría y de la técnica psicoanalítica* (pp. 39-51). Madrid: Tecnipublicaciones, 1987.

_____. (1988). *A apreensão do belo: o papel do conflito estético no desenvolvimento, na violência e na arte*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

_____. (1992). *The Claustrium: an investigation of claustrophobic phenomena*. Strathclyde, Perthshire: The Clunie Press for the Roland Harris Trust Library.

Ogden, T. H. (1996). *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

_____. (2005). *Esta arte da psicanálise: sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

_____. (2012). Reading Susan Isaacs: toward a radically revised theory of thinking. In _____. *Creative readings: essays on seminal analytic works* (pp. 34-54). London: Routledge.

Pereda, M. C. (1998). Investigação em metapsicologia: simbolização em psicanálise. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 5 (1), 69-80.

Richard, F. (2001). *Le processus de subjectivation à l'adolescence*. Paris: Dunod.

Taffarel, M. (1997). A subjetividade básica na psicanálise e na ‘filosofia das formas simbólicas’. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 31 (2), 363-80.

Valls, J. L. (1995). *Diccionario freudiano*. Buenos Aires: Julian Yebenes.

Winnicott, D. W. (1951). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In _____. *O brincar e a realidade* (pp. 13-44). Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. (1967) O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In _____. *O brincar e a realidade* (pp. 153-62). Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. (1969) O uso de um objeto e relacionamento através de identificações. In _____. *O brincar e a realidade* (pp. 121-31). Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Recebido em 16/07/2013

Aceito em 24/07/2013

Revisão técnica de **Cátia Olivier Mello**

Ruggero Levy

Rua Carvalho Monteiro, 234/501

90470-100 –Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: ruggerolevy@gmail.com

© Revista de Psicanálise – SPPA